

Educação em Revista publica, aqui, o número 2 do volume 25, com onze artigos que tratam de diferentes temáticas educacionais. A revista dá continuidade, portanto, ao compromisso de divulgar pesquisas com grande diversidade de temáticas e de abordagens teórico-metodológicas que caracterizam a pesquisa em Educação.

No artigo “Processos disciplinares e trabalho docente na escola primária de Minas Gerais (1869-1890)”, que abre este número, Sarah Jane Alves Durães analisa os processos disciplinares contra professores e professoras de escolas públicas primárias durante a segunda metade do século XIX. Com base em pesquisa histórica, o trabalho mostra algumas características que regiam a organização da escola primária pública, bem como a carreira docente, em Minas Gerais, e apresenta as características e o funcionamento do Conselho Diretor, então responsável por avaliar a conduta docente. A autora discute ainda a instauração e as consequências de 23 processos disciplinares abertos contra professores e professoras, no período de 1869 a 1890. O estudo mostra, por fim, como esses processos e suas consequências serviram como ações disciplinares e disciplinadoras por parte do governo de Minas Gerais nesse período e como se dava o processo de averiguação e punição dos professores e das professoras quando era comprovado o descumprimento da lei.

Em “População negra e civilização: uma análise a partir do estabelecimento da obrigatoriedade escolar em Minas Gerais (1830-1850)”, de autoria de Marcus Vinícius Fonseca, apresentam-se resultados de uma pesquisa histórica também em Minas Gerais. O trabalho analisa o processo de estabelecimento da obrigatoriedade escolar como elemento de mediação entre o perfil racial da população e a idéia de civilização que orientou o processo de construção da educação no estado. Mostra-se, também, como, no século XIX, havia predomínio absoluto dos negros na população mineira, e isso pode ser tomado como referência para que a idéia de obrigatoriedade escolar assumisse a condição de instrumento de normatização e controle de certos aspectos desse segmento populacional.

A discussão sobre as múltiplas orientações, práticas e experiências em que a *performatividade* e a *diversidade* aparecem em testemunhos de professores e alunos de uma escola portuguesa é feita em “Facetas de Democratização: uma escola exigente”, de Fátima Antunes. O estudo analisa os processos relatados pelos pesquisados durante uma investigação e sugere que a edificação de *uma escola exigente*, para os

pesquisados, é susceptível de representar uma negociação em presença e uma resposta encontrada, no quadro da *performatividade* exigida e das condições de *diversidade* dos públicos acolhidos, face ao processo de democratização da educação vivido naquele contexto. O artigo mostra que, nas diversas dimensões apreendidas, a chamada *escola exigente* testemunha *ângulos* particulares de *facetas* atuais do processo de *democratização* da instituição escolar vivido ao longo das últimas três décadas em Portugal.

Em “Perfil del profesor y de la clase universitaria en Cuba: resultados de un estudio de caso”, Orlando Fernández Aquino, Roberto Valdés Puentes e Maricela González Carmenate, por meio de documentos da política educacional do Ministerio de Educación Superior de Cuba/MES-Cuba, traçam o perfil do professor universitário daquele país. Além disso, o estudo, por meio da observação de diferentes turmas de educação superior, focaliza o trabalho de professores para, em seguida, mostrar as incoerências entre o que se estabelece na política e o que acontece em sala de aula. Com base nesses dados, os autores apresentam reflexões importantes sobre problemas, limites e dificuldades das aulas no ensino universitário e as necessidades de mudanças nas práticas pedagógicas desse nível de ensino.

“Parceria intergeracional e formação docente” é o título atribuído por Flávia Medeiros Sarti a um instigante artigo sobre o potencial de formação envolvido na relação entre professores em exercício e estagiários, futuros professores, durante a formação inicial. Estabelecendo um diálogo com um vasto campo teórico, a autora convida o leitor a acompanhar o diálogo entre diferentes gerações, na busca de entendimento dos desafios pedagógicos e na escrita reflexiva da sua prática pedagógica.

Alessandro Melo, em “A redução ontológica do homem à máquina em Marx”, retoma a obra clássica de Marx, *O Capital*, argumentando que esse autor ainda é um referencial importante para a compreensão da relação homem/trabalho na sociedade capitalista. Contrastando os conceitos de *flexibilização* e de *redução ontológica*, o artigo enfatiza que o trabalhador se transforma em “mera força de trabalho” ou em “*órgão* da máquina”. O leitor encontrará uma interessante articulação entre trabalho e educação, pois o autor, ao tratar do conceito de competências e sua relação com a *empregabilidade*, demonstra a estreita relação entre as demandas das indústrias e a pedagogia das competências, que levam à *redução ontológica* do trabalhador.

“As histórias e culturas indígenas e as afro-brasileiras nas aulas de matemática” aponta a relação constitutiva entre conhecimento matemático e cultura, ao constatar que os mitos de diferentes povos traduzem suas concepções de tempo, espaço e número. Conseqüentemente, o ensino da matemática na escola, em qualquer cultura, não se reduz apenas ao aprendizado de uma linguagem matemática, mas ensina a veiculação de valores, crenças, mitos, símbolos e representações. Trabalhando o conceito de etnomatemática, Wanderleya Nara Gonçalves Costa demonstra como um ritual, uma história, uma festa podem se tornar estimulantes situações e conteúdos para um trabalho com a matemática, numa perspectiva interdisciplinar.

Em “Os sentidos da sensibilidade e sua fruição no fenômeno do educar”, Miguel Almir Lima de Araújo defende o desenvolvimento de uma *pedagogia do encantamento*. Para o autor, a educação e o aprendizado têm estreita relação com a ética e com a estética, uma vez educar implica a “fruição da sensibilidade”. Uma pedagogia sustentada pela sensibilidade e pelo afeto é que poderia, segundo Araújo, fazer frente às práticas educativas correntes que privilegiam o pragmatismo, a funcionalidade, a técnica e o aprendizado para o desenvolvimento de funções profissionais essencialmente voltadas para *o ter*, e não para *o ser*.

Em “Avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?”, Ana Lúcia Gomes Cavalcanti Neto e Josefa de Lima Fernandes Aquino analisam concepções de professores da terceira série do Ensino Fundamental II da cidade do Ribeirão/PE sobre avaliação da aprendizagem. As autoras demonstram que as concepções prevalentes nas práticas desses professores são as da avaliação como momento pontual, classificatório e seletivo, ainda que alguns elementos da ação pedagógica representem acolhimento, integração e inclusão. O texto conclui que o caminho para uma mudança nas concepções e na prática pedagógica desses professores, em relação à avaliação, passa por uma formação inicial e continuada nos marcos de uma proposta de avaliação como ato amoroso de mediação entre ensino e aprendizagem.

Ao analisar os saberes mobilizados e apropriados pela professora-pesquisadora nas aulas de matemática para o primeiro ano do Ensino Médio, Cláudia Neves do Monte Freitas de Lima e Adair Mendes Maracato, em “A investigação da própria prática: mobilização e apropriação de saberes profissionais em Matemática”, mostram os conflitos

vividos pela justaposição de papéis de professora e de pesquisadora no contexto da sala de aula. Os autores destacam a importância do outro - os alunos, os pares e os colegas pesquisadores - para provocar estranhamentos e questionamentos e desencadear processos reflexivos. Conclui-se, então, que ensinar é considerar as relações humanas, as trocas que produzam significado tanto para alunos(as) quanto para a professora.

Em “Quietas e caladas: as atividades de movimento com crianças na Educação Infantil”, Dijnane Fernanda Vedovatto Iza e Maria Aparecida Mello discutem as atividades de movimento nas rotinas diárias de professoras de Educação Infantil. De posse da concepção de desenvolvimento infantil que emerge da teoria de Vigotski e que prioriza a cultura e a atividade mediada, as autoras mostram que as professoras da creche investigada mantêm as crianças em situação de não-movimento justamente por não terem conhecimento de como trabalhar atividades educativas com movimento. As autoras concluem que para mudar as concepções de criança e movimento das educadoras é necessário repensar sua formação inicial e continuada.

Em “A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano-ambiente” Andréa Aparecida de Marin e Kátia Maria Kasper apresentam um ensaio no qual propõem reflexões que evidenciam a necessidade estética do humano, usando as categorias natureza e espaços do cotidiano como âmbitos de vivência. Por meio do resgate de teóricos da fenomenologia e da filosofia estética, as autoras discutem os possíveis significados da teoria estética para a educação ambiental.

Neste número 2 do volume 25 de **Educação em Revista**, publicamos, ainda, as resenhas do livro organizado por João Valdir Alves de Souza, *Formação de professores para a Educação Básica: dez anos da LDB*, publicado pela editora Autêntica e aqui resenhado por Gabriel Menezes Vianna; e do livro organizado por Tarcísio Mauro Vago, Marcilaine Soares Inácio e Juliana Cesário Hamdan e Hércules Pimenta dos Santos, *Intelectuais e Escola Pública no Brasil: séculos XIX e XX*, publicado pela Mazza Edições e aqui resenhado por José Cláudio Sooma Silva.

Assim, com este número, *Educação em Revista* coloca à disposição de seus leitores e das suas leitoras uma boa mostra da multiplicidade que caracteriza a produção atual da área de Educação no Brasil, em Portugal e na América Latina.